

ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moacyr. Campinas bicentenária planeja futuro. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1974.

MÁRIO L. ERBOLATO e
MOACYR CASTRO

Quando o presidente Ernesto Geisel chegar a Campinas hoje para a festa do bicentenário encontrará a cidade, que ele apontou como alternativa para completar o eixo metropolitano Rio-São Paulo, precisando de uma verba de 130 milhões de cruzeiros, já solicitada ao governo federal, para antecipar em pelo menos vinte e cinco anos seu plano diretor e não comprometer

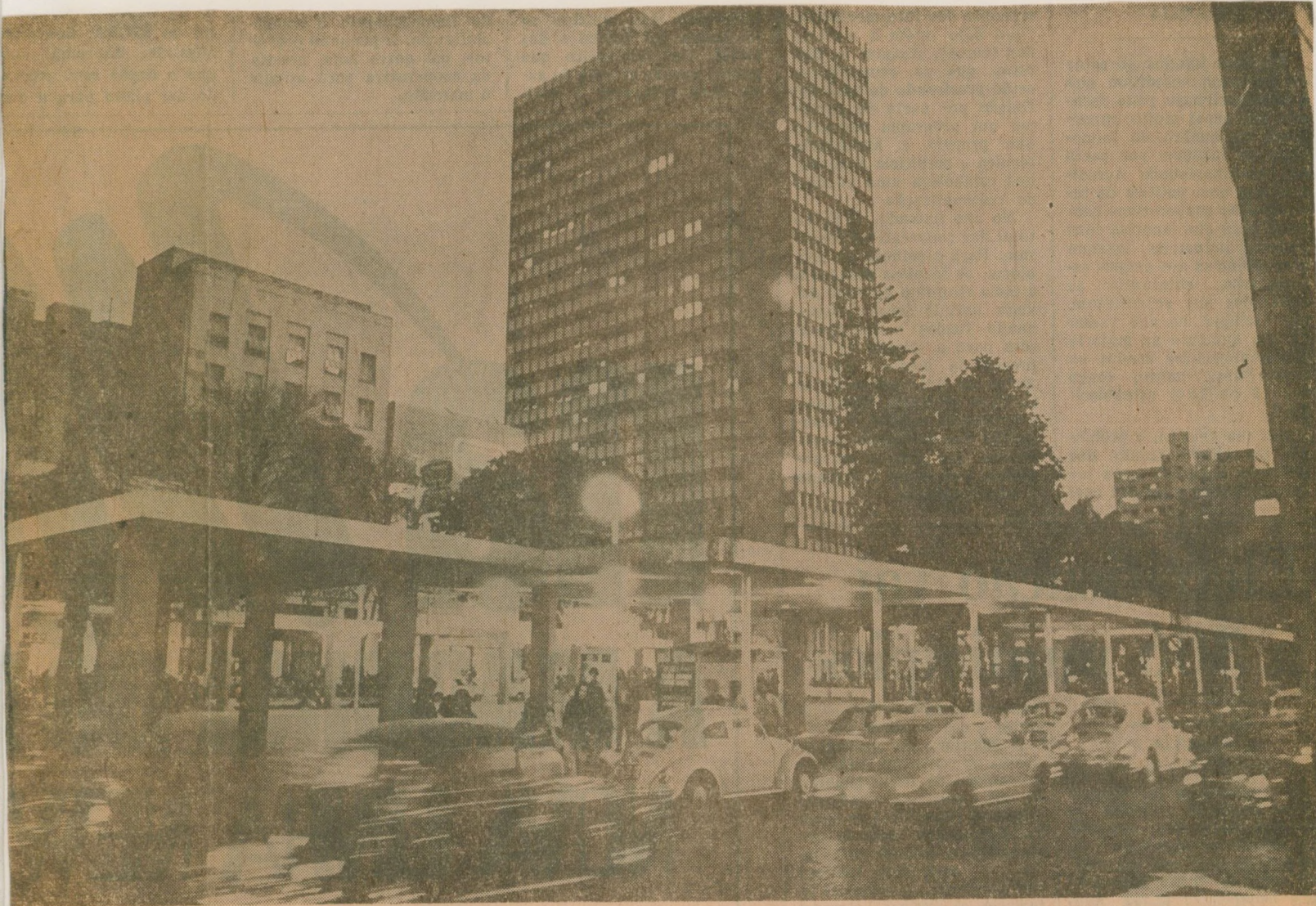
o esquema da Secretaria Especial de Planejamento de áreas metropolitanas.

Promoção social, habitação, educação e cultura, saneamento básico e sistema viário, setores em que serão aplicados os investimentos, representam os focos vulneráveis da estrutura urbana, ameaçada de colapso em função do crescimento populacional de seis por cento ao ano; migração diária de aproximadamente 40 famílias de indigentes; invasão da cidade na zona rural em ritmo superior à capacidade de atendimen-

to da infra-estrutura; carência de um polo cultural complementar para satisfazer uma população estudantil de 115 mil alunos desde o pré-primário até a universidade; deficit desfavorável de quase três por cento entre a procura e oferta de empregos; e herança da crise na construção civil que, apesar do êxito local no sistema de habitação popular, mantém dez mil pretendentes nas filas da Cohab-Campinas à espera de uma residência numa das onze vilas construídas em menos de oito anos.

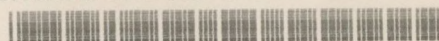
Campinas bicentenária planeja futuro

ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moscov. Campinas bicentennial
planeja futuro. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul, 1974.



Fotos de Waldemar Padovani

Campinas depende de uma verba de 130 milhões para não comprometer o esquema de áreas metropolitanas



ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moacyr. Centro cultural só espera verba. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1974.

Centro Cultural só espera verba

Dos cinco projetos prioritários apresentados ao governo, o único da área de superestrutura da cidade visa à conclusão do "Centro de Cultura Carlos Gomes" e exige verba de Cr\$ 6.970 mil para reunir numa obra iniciada há seis anos e várias vezes interrompida, um teatro de arena, teatro de camera, fonoteca pública, galeria de arte e uma biblioteca especializada em artes para acesso do público, além dos serviços de apoio.

Aparentemente superfluo, diante das demais necessidades de momento para aparelhar a cidade como polo de atração metropolitana, o projeto pretende solucionar uma carencia cultural em Campinas que começou a ser sentida com a demolição do Teatro Municipal e a conseqüente dispersão e enfraquecimento da estrutura de Campinas nesse setor. A exceção da biblioteca pública municipal, os 17 mil universitários e noventa mil alunos de primeiro e segundo graus não dispõem de local adequado para complementar e estimular atividades culturais em qualquer nível. Atualmente, as apresentações são feitas no pequeno auditorio da Prefeitura — 150 lugares — e nos clubes da cidade, sempre comprometidos pela acustica precaria e falta de conforto.

O museu de arte contemporânea, ao lado do conjunto, complementará o complexo de obra destinadas à cultura em Campinas formando um triangulo juntamente com o Palacio dos Jequitibás.

SANEAMENTO

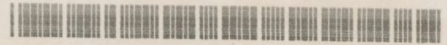
O crescimento urbano de Campinas, ocupando praticamente cem por cento da área

central da cidade e os bairros mais próximos, está empurrando a população para a periferia e os poderes publicos não dispõem de recursos normais para montar a infra-estrutura de atendimento a esses moradores. A Secretaria de Obras do Município precisa de 45 milhões de cruzeiros para concluir os trabalhos de revestimento, alargamento e rebaixamento dos córregos do Pigarrão, Proença, Anhumas, Vila Brandina e Canal do Saneamento — no centro da cidade — cujas margens estão totalmente habitadas.

Apenas dois por cento da população não dispõem de água encanada e 70 por cento da cidade possuem rede de esgotos, enquanto os sistemas de captação, adução e tratamento superam em 40 por cento as necessidades.

A antecipação do plano diretor para o sistema viário de Campinas está interligada ao programa de saneamento. Foi solicitada verba de 38 milhões de cruzeiros para conclusão das vias arteriais coletoras do tráfego intermediário com fluxo direto para a saída de Mogi Mirim, "Circuito das Aguas" e Sul de Minas e para a rodovia D. Pedro I, que demanda à via Dutra. As artérias marginais dos córregos, que se articulam ao esquema elaborado, dependem da correção de seus leitos para serem construídas.

A lentidão das obras nos canais, mantidas apenas com recursos da Prefeitura, dificulta a solução do principal problema da periferia de Campinas: a erosão, que já alcança as margens dos canais desprotegidos, ameaçando inclusive o exito do projeto CURA, recentemente iniciado.



ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moacyr. Êxito na habitação popular: a cidade-polo enfrenta a ameaça de saturação. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1974.

Êxito na habitação popular

A cidade-polo enfrenta a ameaça de saturação

Para o prefeito Lauro Péricles Gonçalves, "Campinas chega aos seus duzentos anos com os mesmos problemas das grandes cidades, porém amenizados, pois felizmente houve uma série de bons administradores, que cuidaram de sua infra-estrutura". Numa cidade ameaçada pela saturação urbana, o saneamento dos cinco córregos principais é uma das metas prioritárias. "Estou desalentado em pedir o apoio do DNOS — diz o prefeito — e agora, tendo desistido, vou solicitar um bom financiamento externo para dar um grande passo nesse sentido e canalizar pelo menos três córregos".

O presidente (licenciado) da Funderc — Fundação para o Desenvolvimento da Região de Campinas —, Orestes Quercia, também salientou o planejamento que promoveu no seu governo (1969-1972) "para evitar que o desenvolvimento evidente, que é uma das constantes do município, aniquilasse as excelentes condições de vida que Campinas sempre ofereceu à população". Recorda que, em seu quadriênio, surgiram as vias expressas, promovendo-se, ainda, a ampliação do serviço de água e esgotos, a criação dos locais de recreação em massa e "todas essas obras de envergadura que o município vem realizando e que convencionamos considerar como preparativos para o ano 2000, ou seja, uma cidade com bastante desenvolvimento, mas sem saturação urbana prejudicial à vivência das pessoas".

Orestes Quercia lembra que a idéia do desenvolvimento de Campinas está intimamente ligada à de um consórcio e promoção de diversos municípios da região. "Uma cidade-polo como Campinas — acentua — pode se asfixiar urbanisticamente, porque tudo corre para seu centro nervoso, como os rios para o mar".

"Essa é a lei natural das coisas", destaca o presidente da Funderc. No entanto, "com inteligência e com a razão, podemos ajudar a natureza, encaminhando a evolução de modo a alcançar as melhores soluções. Assim, no campo da in-

dustrialização, o espírito que domina Campinas é o de que esse tipo de desenvolvimento deve irradiar-se para as cidades da região, porque o atrativo de capitais é um benefício que traz consigo pesados ônus de infra-estrutura. O benefício deve ser distribuído e o ônus também".

Já Lauro Péricles Gonçalves, embora compartilhando do ponto de vista de seu antecessor, acentua que "a Campinas ideal é o nosso ideal, porém muito difícil de se conseguir". O desenvolvimento muito rápido e por mais que se corra, nem sempre pode o governo municipal manter-se paralelo com as exigências da comunidade. Nem tudo depende só da Prefeitura, os recursos são poucos e os financiamentos complexos. "É necessário ser mágico para se conseguir financiamentos do Projeto CURA, no qual eu via a mais alta expressão de renovação urbana, mas que, à semelhança de outros prefeitos, já vai me deixando desanimado. São exigências penosas de serem cumpridas por uma prefeitura que tem estrutura técnica como a nossa. E o que se poderá dizer dos municípios pequenos ou médios?", afirma Lauro Péricles.

A receita e a população de Campinas são superiores às de qualquer dos territórios federais e o município está à frente de onze capitais de Estados. Porém, o problema educacional, que pertence à esfera estadual, está preocupando, pela deficiência de escolas e de classes. Apesar do fluxo migratório, a cidade tem 1.600 barracos, que, segundo as assistentes sociais, "constitui numero pequeno".

BUROCRACIA

"É preciso trabalhar infatigavelmente, para não ser vencido pelo acúmulo de deveres, na Prefeitura de Campinas" — confessa Lauro Péricles Gonçalves. No ano do bicentenário, a cidade ainda está burocratizada. Pelo menos 150 papéis exigem despachos do administrador, que dedica 14 horas diárias às suas funções, porque, conforme explica, "felizmente, tenho boa disposição e não almoço".

Todos os dias, a partir das 7 horas, baseado em agenda elaborada na véspera, o prefeito percorre as grandes obras. Verifica o andamento de cada uma, ouve as explicações dos encarregados e é comum que moradores dos bairros, sentindo a sua presença, o procurem para reivindicações. Tudo é anotado em um gravador portátil. "Mais por hábito do que a título de inspeção", Lauro Péricles Gonçalves verifica, com espírito crítico, a limpeza das ruas e sua conservação e o funcionamento dos semáforos.

Às 10 horas há reuniões com os secretários, com prioridade para os de Obras, Finanças e Cultura, recebidos separadamente. Os despachos da volumosa correspondência são exarados "entre a saída de um e a entrada de outro". O prefeito evita reuniões em grupos e, em respeito à hierarquia, "por convicção, princípios de formação e comodidade", nunca trata de assuntos públicos com diretores ou chefes de departamentos, mas apenas com os secretários, "a fim de poder exigir e cobrar de um só".

DESCENTRALIZAÇÃO

O crescimento da cidade — com 500 mil habitantes estimados — exigiu a descentralização administrativa. As Secretarias, criadas em janeiro de 1956, "são um bom meio de trabalhar e sem elas os serviços perceriam". O ex-prefeito Orestes Quercia criou a Emdec — Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas — que significa para a cidade o que significa para a cidade o e a Emurb em S. Paulo. Lauro Péricles Gonçalves compara a "um novo tipo de empresa pública, muito comum na Europa e nos Estados Unidos e que, à insuficiência das secretarias de obras, assumiram um papel preponderante para promover o desenvolvimento da cidade". Há também a Setec — Serviços Técnicos Gerais — que está iniciando o Serviço Funerário Municipal e fiscalizando a ocupação do solo. Sobre ela o prefeito diz ser necessário que prove no trabalho a sua real necessidade. "Se não for útil, seus serviços gerais retornarão às origens".

"O quadro geral da habitação no Brasil é muito heterogêneo. Enquanto, por exemplo, a Cohab da Prefeitura de São Paulo é um fracasso total, as Cohabs de Campinas são um sucesso total". Para Camilo de Souza Coelho, presidente da Cohab-Campinas, a opinião do presidente do Banco Nacional da Habitação, Maurício Schumann, em recente entrevista à imprensa, pode ser explicada pela diferença de tratamento prestado ao morador ou ao futuro comprador de uma casa popular. Na região de Campinas, nunca um favelado deixou seu barraco e passou a residir imediatamente em casa própria. Ele passou pelo menos seis meses num núcleo residencial transitório, "aprendendo o que é uma casa, adquirindo condições para sustentá-la e depois morar nela", afirma Camilo.

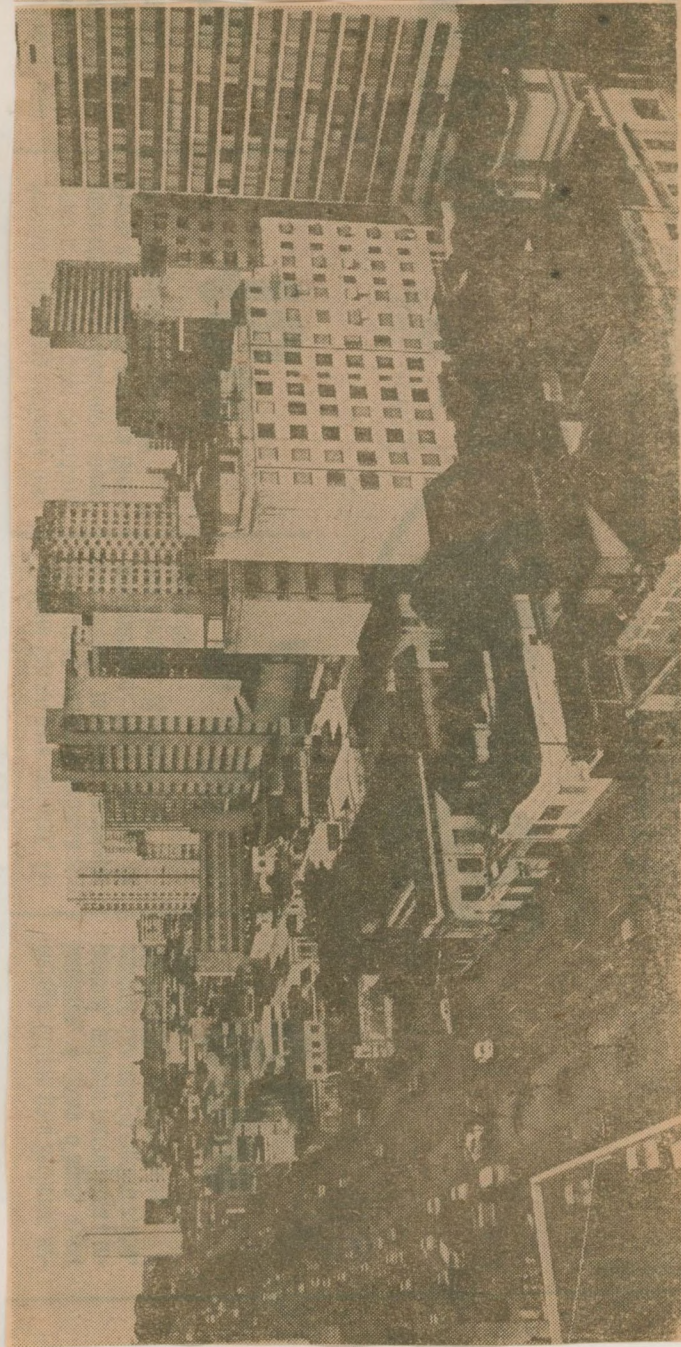
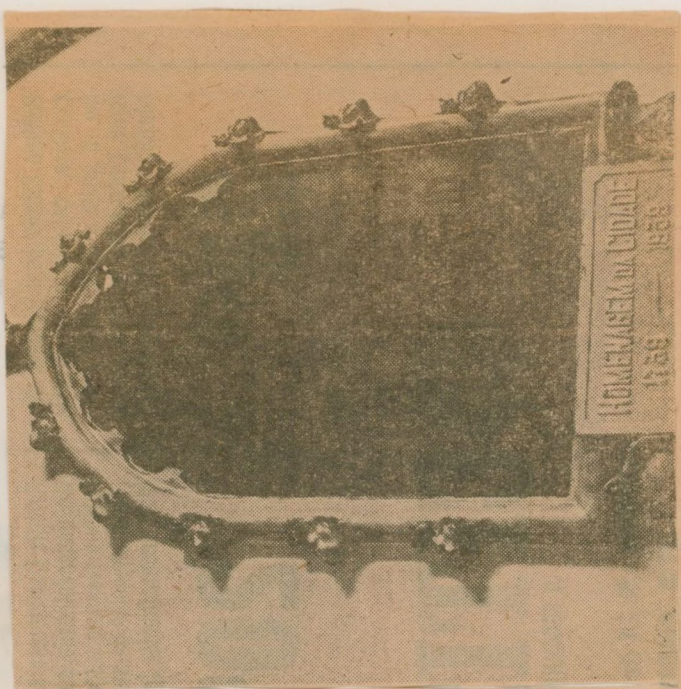
Na verdade, o que a Prefeitura de Campinas reclama do governo federal no setor da habitação popular são recursos para poder enfrentar a crise na construção civil, comprando material básico e pagando a escassa mão-de-obra, para manter o nível de atendimento aos interessados e conservar a média de conclusão de quatro unidades por dia.

Para se expandir, a Cohab terá que instalar conjuntos residenciais em áreas onde o metro quadrado da construção custa 600 cruzeiros para casas de acabamento simples e exatamente o dobro para núcleos mais elaborados. Essa situação forçou uma redução na faixa de atendimento, recebendo somente quem ganha de 1,6 a 2 salários-mínimos, enquanto a

Prefeitura restringiu a venda de casas somente a pessoas que trabalham em Campinas. Desde a construção da primeira vila em 1966 até a última, entregue no ano passado, a Cohab ficou responsável atualmente por dez por cento das edificações da cidade, conseguindo alojar nas habitações populares cerca de 40 mil moradores, quase dez por cento da população de Campinas. Todavia, explica Camilo, nenhuma vila nova foi iniciada sem que a anterior estivesse concluída, com todos os serviços de infra-estrutura, pavimentação, iluminação, rede de esgotos, escolas, centros infantis e postos do Mobral nas imediações.

A passagem pelo núcleo transitório concorreu para a manutenção de apenas 3,76 por cento no índice de atraso nos pagamentos das mensalidades e nenhuma casa está abandonada. A cobrança dos atrasados é feita judicialmente só depois de três meses, quando o serviço social da Prefeitura não consegue resolver o problema.

Se o governo federal não contribuir para a solução do problema da construção civil, ou fornecer verbas capazes de permitir a expansão da Cohab-Campinas, o crescimento da população e os encargos a serem absorvidos como parte integrante do eixo metropolitano comprometerão, segundo as autoridades municipais, o esquema de atendimento aos pretendentes e agravarão a crise habitacional da cidade, caracterizada pela fila de dez mil chefes de família e milhares de universitários que moram em condições precárias.



O crescimento populacional constitui séria ameaça à estrutura urbana da cidade, 200 anos depois de fundada por Francisco Barreto Leme



ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moacyr. Geisel preside inaugurações,
O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1974.

Geisel preside inaugurações

O presidente Geisel desembarcará no aeroporto de Viracopos às 14 horas e será recebido pelo prefeito Lauro Pericles Gonçalves, cardeal Agnelo Rossi, senador Carvalho Pinto, governador do Estado, e comandantes do II Exército, IV Comando Aéreo, VI Distrito Naval e Guarnição Militar de Campinas.

De acordo com as instruções do serviço de segurança presidencial e destacamento precursor, há quinze dias instalados na cidade, a imprensa somente poderá documentar a visita do general Geisel a partir da chegada ao monumento ao bicentenário, em frente ao Palácio dos Jequitibás, sede do Paço Municipal. A obra, de autoria do escultor Lelio Coluccini, representa um número 2, de cimento armado, com 29 metros de altura, simbolizando o progresso da cidade desde a cafeicultura até a industrialização. No início do estágio ascensional do monumento, a estatua da "Princesa d'Oeste" completa o conjunto arquitetônico, situado sobre um espelho d'água.

Na placa de bronze, fixada na murada do pequeno lago, a inscrição indica o "MONUMENTO AO BICENTENÁRIO DE CAMPINAS — INAUGURADO PELO PRESIDENTE ERNESTO GEISEL — NA ADMINISTRAÇÃO LAURO PERICLES GONÇALVES". A demora do cerimonial do Palácio dos Bandeirantes em confirmar a presença do governador excluiu o nome de Lauro Natel da placa.

Durante a inauguração do monumento, o prefeito fará breve saudação ao presidente. Um desfile de tropas da Brigada de Infantaria Blindada encerra a primeira solenidade, com Geisel rumando para o Hospital Municipal juntamente

com os ministros Ney Braga, da Educação, e Paulo de Almeida Machado, da Saúde.

O HOSPITAL

A unidade que o presidente inaugura hoje está pronta para estimular a pesquisa de doenças crônicas e degenerativas, revitalizar o programa de controle do câncer cérvico-uterino e fomentar a medicina preventiva em Campinas. Todos esses serviços foram reunidos em apenas vinte por cento do total da área destinada ao hospital porque uma defasagem de crédito, durante o último ano da administração anterior, impediu o levantamento de doze milhões de cruzeiros para a conclusão do conjunto, exigindo o remanejamento da planta. Também ao hospital a imprensa não terá acesso e as autoridades médicas locais e estaduais, além dos ministros, informarão ao presidente que "as restrições impostas pela falta de verba não alterarão o plano de atendimento, porque as outras duas etapas serão desenvolvidas de acordo com a demanda". Geisel vai inaugurar um prédio de dois pavimentos, onde, além do hospital de 70 leitos, funciona também o Pronto-Socorro Municipal.

Quando estiver concluído, o hospital terá capacidade para 380 leitos em um edifício de sete andares, anexo ao atual, equipado com raios-X, laboratório, centro cirúrgico de doze salas, um ambulatório de 650 metros quadrados e setor de pediatria com divisões de hidratação para atender 50 crianças simultaneamente.

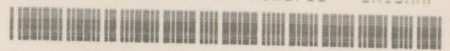
JOGOS ESTUDANTIS

As 15 horas, Ernesto Geisel chegará ao Estádio do Guarani Futebol Clube, sendo recebido por cinco mil alunos de primeiro e segundo graus, procedentes de todos os Estados, que disputarão durante 15 dias em

Campinas os VI Jogos Estudantis Brasileiros. Antes de chegar à tribuna de honra e cumprimentar o restante dos 500 convidados especiais para a cerimônia, o chefe do governo interromperá o percurso para tomar café numa plataforma montada nas sociais do estádio, "porque o presidente não pode subir todos os degraus de uma vez". Depois de ouvir o discurso do ministro da Educação aos atletas, Geisel pronunciará pelo microfone exclusivo, instalado no centro da tribuna, suas únicas palavras oficiais à cidade: "Declaro abertos os Sextos Jogos Estudantis Brasileiros". Em seguida, retornará ao aeroporto, rumando diretamente para Brasília, às 17 e 15. Para a população, a festa teve início ontem à tarde no Parque Taquaral com exibição de um circo ao ar livre e distribuição gratuita de refrigerantes e sanduíches.

Até a madrugada de hoje mais de oitenta mil pessoas presenciaram no parque da lagoa do Taquaral um show de pára-quedismo, artistas de televisão e um espetáculo pirotécnico com exposição de motivos alusivos ao bicentenário. Hoje pela manhã, o cardeal Agnelo Rossi, D. Eugenio Salles, cardeal do Rio de Janeiro e os bispos Franco Borja do Amaral, de Taubaté e Rui Serra, de São Carlos, concelebram na Catedral Metropolitana a missa solene do 200.º aniversário da cidade.

Entre a missa e a chegada do presidente, o prefeito lança a pedra fundamental da creche municipal do Jardim Eulina e à noite participa da concentração religiosa da "Seicho-no-ie", na porta da Prefeitura. Uma sessão solene da Câmara Municipal encerrará todas as comemorações do bicentenário de Campinas.



ERBOLATO, Mário L., CASTRO, Moacyr. Eixo metropolitano SP-Rio.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jul., 1974.

Eixo Metropolitano SP-Rio

Ao se caracterizar como alternativa metropolitana para absorver responsabilidades excedentes do Rio de Janeiro e São Paulo, Campinas passará a convergir problemas de aproximadamente 40 municípios vizinhos, ampliando encargos sociais que a estrutura da cidade já não suporta. As 40 famílias desprovidas de recursos materiais que chegam diariamente do Interior de São Paulo, Sul de Minas, Sudeste de Mato Grosso e praticamente todo o Nordeste estão se concentrando na periferia, alargando a faixa de favelas e imediatamente elevando o índice de marginalização e criminalidade.

A capacidade de atendimento do albergue municipal esgotou-se com a proibição de fornecimento de passes gratuitos até São Paulo e dezenas de famílias interromper a viagem no tronco ferroviário campineiro, atraídas por facilidade de assistência médica e mercado de trabalho relativamente favorável para a mão-de-obra desqualificada em virtude do grande número de obras em execução na cidade.

Até o final do ano, o albergue será ampliado para atender 300 indigentes, realizando um trabalho completo de triagem, desde o expurgo, eliminação das vestes, banho, roupa limpa e tratamento médico preliminar, até o fornecimento de 600 refeições diárias, incluindo o café da manhã. Cada albergado fica na unidade de três a vinte dias.

Por meio da Prefeitura, a Secretaria de Promoção Social enviou à Secretaria do Planeja-

mento e Ministério da Fazenda o projeto do Centro de Recuperação e Integração Social, para exame e adequação aos programas federais, solicitando verba de cinco milhões de cruzeiros para concretização da obra. O CRIS deverá dar continuidade ao trabalho iniciado no albergue, culminando com a integração do indivíduo à sociedade, depois que receber treinamento intensivo que o capacitará a viver em comunidade, trabalhar em empresa pública ou privada e puder adquirir casa própria. Numa gleba de 80 mil metros quadrados, treze blocos de construção simples abrigarão administração, portaria, dormitórios coletivos para solteiros de ambos os sexos, centro de convivência, habitações familiares, pavilhões de serviço e capacitação profissional e quadras poli-esportivas que ocuparão apenas 15 por cento de todo o terreno.

Cada dependência do CRIS funcionará como uma escola exigindo apenas um técnico em cada setor. Os egressos do novo albergue serão fichados e, depois de entrevistados por psicólogos para verificação do QI e tendências profissionais, serão encaminhados para cursos de pedreiro, eletricista, encanador, desenhista-mecânico, carpinteiro a auxiliar da construção civil, em cursos de 200 horas que exigirão uma permanência de pelo menos três meses na comunidade.

As mulheres receberão treinamento para exercer atividades no lar, na cozinha, lavanderia, creche, enfermagem e ambulatório do Centro de Recupe-

ração. Nos intervalos todos participarão de curso de pais, relações humanas, Mobral, higiene e saúde, recreação e orientação comunitária. As habitações familiares são 55 residências geminadas dispostas em cinco blocos horizontais com 33 metros quadrados cada uma, abrangendo dois dormitórios, sala, cozinha, banheiro e quintal. Na ala de solteiros 60 módulos abrigarão de forma separada e individualmente cama e armário. Durante seis meses, 75 por cento do ordenado recebido pelo trabalhador, quando ele já estiver em condições de arrumar emprego, serão depositados pelo Centro em caderneta de poupança.

Depois de nove meses, tempo máximo de permanência no CRIS, calculado pela Secretaria, o recuperando estará apto a adquirir casa própria, escapando automaticamente do BNH, não tendo que enfrentar as filas em Campinas. Os filhos dos beneficiados pelo CRIS estudarão na cidade porque o CRIS não terá escola "para evitar acomodação e vinculação dos grupos familiares ao conjunto". Os menores serão atendidos na creche e os menos capacitados mentalmente cultivarão produtos horti-fruti-granjeiros na área verde da gleba, produzindo para a própria comunidade. O Centro será mantido pela Prefeitura em convenio com entidades particulares e clubes de serviço.

O plano de trabalho apresentado à Secretaria de Planejamento informa que em cinco anos o CRIS será auto-suficiente.